

PROFISSÃO MARIDO (PM)!

Durante minha inesquecível peregrinação sacerdotal como policial, tanto dentro da caserna quanto como autoridade processante (delegado) no sul e extremo-sul do estado, sempre labutei com gente de espécies variadas, com maior intensidade de “senhores da pistola” na zona cacauera, ou melhor, pistoleiros e jagunços, braços fortes e de confiança dos controvertidos “coronéis do cacau”.

Nomeava inspetor de quarteirão, soldado difícil na delegacia, verdadeiro tira, conhecido por investigador de polícia, destemido, valente, leal e autêntico farejador de bandido e exímio “luneta” que mostrava as veredas e bifurcações onde poderia fisgar o malfeitor sanguinário que, muitas vezes, se entocava nas brenhas fechadas de árvores centenárias e de grandes cabeleiras.

Em certa cidade do fruto de ouro (cacau), baixei uma portaria nomeando um inspetor de quarteirão, inspetor impávido, indicado por lavradores e camaradas de roça de cacau. Alegrou-me bastante, pois na delegacia de polícia só tinha um soldado em quem confiava e que, por sinal, era meu ordenança.

O inspetor recém-nomeado, Zeferino das Grotas (nome fictício), mãos “carrasquentas” de quebrar cabaças de cacau, honesto, escravo dos “coronéis de cacau” recebia uma miséria pela mão-de-obra e não tirava dos quartos um facão, bem como um “colt cavalinho” americano que calça bala 44. Arma potente!

Quando das diligências pelo cacauero, sempre em lombo de burro (animal mais inteligente que muita gente de anel no dedo) conduzia a tiracolo um rifle calibre 44 cruzado no corpo, do ombro ao quadril oposto.

- “Seu Zeferino, por que tanto apetrecho de guerra?”, brinquei com o inspetor.
- “Seu tenente, o rifle tem mais alcance e sou responsável pela vida do senhor. Deus me livre e guarde, acontece uma emboscada aqui... Viramos comida de urubu.”

- “É preciso calma, Zeferino, também tenho que ser cauteloso para não se cometer injustiça!”

- “Pode deixar comigo que conheço o bicho que presta e o que não presta.”

Zeferino era o “luneta” da diligência e eu temia cisma dele que pudesse debandar a missão, deixando-nos perdidos sem jamais voltarmos à cidade.

Zeferino das Grotas, inspetor de boa fama, apesar da valentia brutal, destemido, era uma pessoa humilde, amigo fiel e bom chefe de família com cinco filhos. Dentre esses, Pedrinho (fictício), apelidado de Estilingue. Não em faca ou canivete, era bom na atiradeira que fazia trazer sua capanga cheia de rolinhos que eram assados nos fundos da delegacia-quartel por seu pai que acendia a fogueira com paus em abundância.

Batia sempre um papo agradável com Estilingue, que ficava até chegar-lhe o sono dentro do crepúsculo vespertino. Conversa firme de menino sabido que varava a mata ao escurecer, sendo necessário atravessar pinguelas à cata de alguma presa caída na arapuca armada por ele.

Tendo chegado ao fim de minha peregrinação como delegado – nenhuma autoridade é dono do cargo, de nada enfim – chegara o momento de deixar a delegacia, cumprindo determinação do escalão superior.

Com muito sentimento de companheirismo, despedi-me do amigo, inspetor Zeferino e do garoto Estilingue, seu filho, que não freqüentava escola, confessando que passava privações em casa e seu pai que quebrava cabaça de cacau, o que ganhava não dava para comer a não ser melaço do fruto.

Acreditava que um dia iria sair pelo mundo até encontrar um jeito de levar uma vida melhor nem que tivesse de encontrar uma “sujeita” cheia do dinheiro, de preferência dona de roça de cacau e que colhesse muitas arrobas.

Chorou quando o abracei e lhe desejei boa sorte pela esteira do tempo. E quem sabe que um dia poderia lhe ver cheio de dinheiro, gozando boa

saúde e levando uma boa vida. Beijei a sua testa e o abracei bem apertado, seguido de um adeus solene para o pai e o filho.

O tempo se passou e após duas décadas o reencontrei na cidade de Nanuque, no estado de Minas Gerais, para onde o destinou me levou. Quando abastecia meu veículo, vi um indivíduo alto, forte, ao lado de uma caminhoneta preta importada, usando um chapéu de fazendeiro e pelo jeito estufava “money” (dinheiro).

Não me contendo, de logo perguntei-lhe: “Será que é Pedrinho?”

- “Sou eu mesmo, seu Geraldo, ‘Estilingue’, filho de Zeferino. Muita alegria que me faz chorar ao ver o senhor! Meu pai, Deus já o levou para o Céu. Ele gostava muito do senhor, de coração! Estou abastecendo o carro e vou esperar a mulher naquele restaurante, enquanto ela visita uma amiga. O senhor é convidado para o almoço... Faço questão!”

Abracei Estilingue e seguimos juntos ao restaurante de luxo, oportunidade para conversar bastante com uma pessoa que conheci menino e que sua peraltice aliviava minha cuca.

Ao chegar ao restaurante, por influência de Estilingue, o garçom, muito solícito, foi nos receber na porta, dizendo que a mesa já estava reservada. Concluí que Estilingue era gente grande e pessoa grata ao ambiente. O suspense me empurrou de vez para sentar à mesa toda especial e aproveitar para indagar sobre o ex-caçador de passarinho travesso, armador de arapuca.

A princípio, a curiosidade me despertara para perguntar se Estilingue era capataz de alguma fazenda ou motorista de alguma fazendeira. A avidez me deixara redondamente confuso, engasgando na bisbilhotice. Resolvi pedir ao garçom que me trouxesse algo “quente”, que seria uma pinga mineira, no meu entender, quando o garçom rapidamente trouxera um litro de whisky Chivas Regal “importadinho da silva”, uma surpresa feita por Estilingue.

Indaguei-lhe o por quê e ele me disse que era ordem do doutor Pedro e teria que cumprí-la. Levantei-me da mesa e abracei Pedrinho, tempo em

que veio logo à minha mente a imagem do pai inspetor Zeferino, que muito me ensinara a fundar na densa mata Atlântica.

Podíamos conversar à vontade, porque chegou um “positivo” trazendo um bilhete da mulher --- não sei se era esposa ou patroa --- que resolvera almoçar na casa da amiga mineira.

Vergonha à parte, de férias da bisbilhotice, após uma talagada de uísque, e também devido à consideração e à confiança, perguntei-lhe se ele era casado, se tinha filhos e qual era sua profissão.

- “Meu tio! A mulher que estou esperando é minha esposa. Chama-se Margarida e o senhor vai conhecê-la. Tenho um casal de filhos: Pedro e Paula. Quanto à profissão, sou PM.”

Espantado veio-me à mente que Pedrinho havia puxado o ranço do pai em ser tira, no que me explicou: “Meu tio! Não é o que o senhor está pensando. PM é Profissão Marido!”

- “Como assim, Profissão Marido?”, perguntei-lhe.

- “Vou-lhe explicar bem direitinho”.

Então me disse que trabalhara em uma fazenda de cacau do Coronel Joventino (nome fictício), muito rico, sendo seu motorista de confiança e que o tinha como filho. Ele era viúvo, pois uma cobra “pico-de-jaca” havia tirado a vida de sua mulher e tinha Margarida, filha única, um pouco “encalhada”, porém sem ter ainda quebrado o “facão”, bastante enxuta. Os dois se engracaram de verdade e o Coronel Joventino que o acolhia como filho arrumou o casamento, passando Pedrinho, ou Estilingue, à condição de PM (Profissão Marido).

Gargalhamos muito, e ele arrematou: “Pois é, tio Geraldo, uma profissão que o Ministério do Trabalho deveria regulamentar, valorizar e determinar que a mulher assinasse a carteira de trabalho, visto que é uma tarefa normal que se vê em abundância neste nosso Brasil.”

Passou-me, então, a detalhar como funcionava na prática essa nova forma de emprego. Um trabalho que tem direitos e deveres, não se admitindo qualquer moleza por parte do marido. Fez uma pausa para frisar que não

era bem o seu caso, pois ele cumpria suas obrigações para se livrar de aporrinhasões.

Continuou dizendo que o profissional marido deve acordar no romper da aurora para molhar as plantas, sair com o cachorro para as necessidades, mudar fraldas das crianças, levar os filhos para o colégio e buscá-los, pegar a mulher no trabalho, etc., etc.

Pipocamos em risadas que explodiam no ar, sorrindo demais que o garçom tão afobado deixou cair alguns pratos sobre a cabeça de um cliente que não aceitou tal desleixo, não ficando sem criar um terremoto, porém, voltou à calma.

- “Portanto, tio Geraldo! Ainda tem mais: o ‘Profissional Marido’ está sujeito a cláusulas contratuais que o proíbe de frequentar bares distantes 200 metros da residência; tem que fazer ‘neném’ (cláusula pétrea) cinco vezes por semana. Não sendo cumpridas religiosamente essas cláusulas, a demissão do emprego será por justa causa. Já pedi que diminuisse a sessão obrigatória para três vezes, mas não atendeu às minhas súplicas.”, o que provocou gargalhadas que voavam incessantemente.

- “Estilingue! Você cumpre todas essas cláusulas celebradas?”

- “Na verdade, mesmo estando fraco das pernas não deixo de dar conta do recado com muito esforço, misturado com truques para não ficar no ‘mundo da lua’, ficar desempregado, visto que a ‘meio coroa’ tem sangue de brabo do Coronel Joventino, que é uma raça chefe de jagunços. Mesmo assim, não deixo de ‘clarear as vistas’, sorrateiramente, em lugar camuflado.”

- Continuou: “Seu Geraldo! Graças a Deus vivo bem com Margarida. Faço o máximo para respeitá-la, ajudo um pouco na administração da fazenda. Creio que sou bom pai e ótimo marido. Lembro-me muito bem quando o senhor, ao se despedir de mim, profetizou que eu teria sorte, que teria dinheiro para sobreviver sem tropeços.”

- “Casei-me por amor, sempre fui honesto, legado de meu pai, inspetor Zeferino, que apesar das dificuldades soube me criar, o que considero

uma honra. Pode acreditar que existe a ‘Profissão Marido’ e muita gente se sente bastante feliz.”

Ao término da conversa, de repente aponta Margarida. De logo, Estilingue proclama: “Lá vem minha deusa!”. Corre ao seu encontro, beijando-a com excitação de afeto e paixão, demonstrando que seu casamento não foi por interesse.

Apresentou-me Margarida que se sentou à mesa. Conversamos às pressas, tempo suficiente para o relato geral, inclusive os direitos e deveres da ‘Profissão Marido’, tendo Margarida confirmado em parte, mas o bate-papo foi um esplendor, sobretudo, a mulher do então menino travesso, caçador de passarinho era uma pessoa simpática e de vez em quando eu era hóspede do casal, Estilingue e Margarida, gozando das belezas da roça do “fruto de ouro”!

Geraldo Dias de Andrade é Cel. PM/RR – Bel. em Direito – Membro da Academia Juazeirense de Letras – Escritor – Cronista – Membro da ABI/Seccional Norte.